

Inovação e eficiência: ministro Barroso anuncia prioridades em abertura do Ano Judiciário no CNJ

20 de fevereiro de 2024 Notícias CNJ / Agência CNJ de Notícias



Solenidade de posse de conselheiros e conselheiras do CNJ. FOTO: Rosinei Coutinho/Ag. CNJ

Compartilhe

Inovar, tornar a Justiça mais célere e acessível à população vulnerável e extinguir mais de 400 mil processos de execução fiscal que tramitam no país são as prioridades apresentadas pelo presidente do CNJ e do Supremo Tribunal Federal (STF), o ministro Luís Roberto Barroso, na abertura do Ano Judiciário de 2024 no CNJ. A cerimônia ocorreu na sede do órgão, em Brasília, nesta terça-feira (20/2), e incluiu a posse de quatro novas conselheiras e dois novos conselheiros do colegiado.

O ministro abriu a solenidade reafirmando que a Justiça atuará intensamente para promover maior celeridade e eficiência nas ações. Luís Roberto Barroso disse ainda que o Poder Judiciário já está agindo para encontrar soluções inovadoras e colaborativas que melhorem o sistema de Justiça.

Em relação às execuções fiscais, o ministro destacou a criação de um sistema que identificará as demandas que poderão ser extintas, desafogando o acervo dos tribunais. “A expectativa é de extinção de cerca de 400 mil processos”, anunciou Barroso, no discurso de abertura.

O ministro também citou o Mapa Nacional do Tribunal de Júri, ação voltada a dar resposta mais ágil aos crimes com maior gravidade e que permitirá a identificação pelos tribunais de gargalos específicos relacionados aos crimes dolosos contra a vida. “Com essa ferramenta, saberemos em que estágio os processos permanecem por maior tempo e, dessa forma, poderemos intensificar a atuação onde se faça necessário, atuando inclusive junto aos demais órgãos do sistema de Justiça, no sentido de colocar em prática estratégias para dinamizar a apuração e o julgamento dos processos de competência do júri”, disse.

Posse pública

Na solenidade repleta de convidados na sede do CNJ, o ministro Barroso também citou ações de caráter afirmativo e de aproximação com a sociedade, como as bolsas de estudo que permitem maior inclusão de pessoas negras e indígenas na magistratura, assim como ações voltadas à equidade de gênero. Para melhorar a interlocução da Justiça com a sociedade, o CNJ aposta no [Pacto Nacional do Judiciário pela Linguagem Simples](#), voltado a facilitar a compreensão das decisões.

| [Leia mais: Acordos do CNJ vão promover ingresso de pessoas negras e indígenas na magistratura](#)

A cerimônia de posse dos novos integrantes reuniu presidentes dos tribunais superiores, autoridades públicas e políticas, chefes de Poder e membros do sistema de Justiça, além de convidados pessoais dos novos empossados e das novas empossadas. O mandato é de dois anos de exercício na função de controle da atuação administrativa e financeira do Poder Judiciário, bem como do cumprimento dos deveres funcionais de juízes e juízas.

Novos integrantes

Na vaga destinada ao Tribunal Superior do Trabalho (TST), tomou posse o ministro Guilherme Caputo Bastos.



**CAPUTO
BASTOS**
Ministro do TST

Filho da reforma e da Emenda Constitucional 45/2004, o CNJ assumiu missão que não é simples. E, agora, temos a providência de assumirmos as funções a serem exercidas em prol da população."

Indicados pelo Supremo Tribunal Federal (STF), também tomaram posse o desembargador José Edivaldo Rocha Rotondano, do Tribunal de Justiça da Bahia (TJBA), e a juíza Renata Gil de Alcântara Videira, do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro (TJRJ).



**JOSÉ
ROTONDANO**
Desembargador do TJBA

Meu foco é construir um Poder Judiciário melhor para tornar a nossa sociedade mais pacífica, justa e fraterna. Meu compromisso, nesse ato de posse, é de absoluta entrega, comprometimento e vontade de acertar."



**RENATA
GIL**
Juíza do TJRJ

Quando me tornei juíza, há 25 anos, fiz o compromisso de cumprir a Constituição e as leis do meu país. Reafirmo esse compromisso no CNJ agregando a necessidade de entregar à sociedade justiça social."

Pelo Superior Tribunal de Justiça (STJ), foram indicadas a desembargadora federal do Tribunal Regional Federal da 3.^a Região (TRF-3), Mônica Autran Machado Nobre, e a juíza federal Daniela Pereira Madeira, do Tribunal Regional Federal da 2.^a Região (TRF-2).



MÔNICA NOBRE
Desembargadora federal do TRF 3ª Região (SP/MS)

“Chegar a esse momento é algo ainda inexplicável para mim. Venho com muita energia para contribuir para um Poder Judiciário cada vez mais forte para nosso país.”

DANIELA MADEIRA
Juíza federal do TRF 2ª Região (RJ/ES)

“Pretendo entregar toda a experiência que adquiri ao longo desses anos como magistrada para contribuir com esse plenário, mas, também, para desenvolvimento das políticas judiciais por intermédio das comissões permanentes do CNJ.”

Pela Câmara dos Deputados, tomou posse a advogada da União Daiane Nogueira de Lira.



DAIANE NOGUEIRA DE LIRA
Advogada da União

“Como representante do Congresso Nacional quero contribuir para o Poder Judiciário com a essência e a importância do diálogo, com a construção do consenso e prezando pelo respeito à separação harmoniosa entre os poderes da República.”

Os novos seis membros já haviam assinado o termo de posse durante a cerimônia administrativa ocorrida em 1.º de fevereiro. Nesse dia, a secretária-geral do CNJ, Adriana Cruz, fez a leitura do termo de posse dos novos membros.

O Plenário do CNJ possui 15 integrantes. Nove deles vêm da magistratura, indicados pelo Supremo Tribunal Federal (STF), pelo Superior Tribunal de Justiça (STJ) e pelo Tribunal Superior do Trabalho (TST); duas vagas são de indicação da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB); duas do Ministério Público; uma da Câmara; e uma do Senado Federal.

[Reveja a cerimônia de posse dos novos conselheiros e das novas conselheiras do CNJ:](#)

[Acesse as fotos da cerimônia](#)

Texto: Regina Bandeira e Luís Cláudio Cicci
Edição: Sarah Barros
Agência CNJ de Notícias

MACRODESAFIO

APERFEIÇOAMENTO DA GESTÃO ADMINISTRATIVA E DA GOVERNANÇA JUDICIÁRIA

TAGS: EXECUÇÃO / FISCAL E CIVIL E TRABALHISTA, LUÍS ROBERTO BARROSO, SALA DE IMPRENSA, EXAME NACIONAL DA MAGISTRATURA

Conheça Sora, ferramenta de criação de vídeos por inteligência artificial

O que se sabe, até o momento, sobre o novo produto da OpenAI, criadora do ChatGPT





-

Depois de aperfeiçoar uma ferramenta de **inteligência artificial** por texto, o ChatGPT, a **OpenAI** sobe mais um degrau na sua busca por primazia na área de tecnologia. No fim da semana passada, a empresa de Sam Altman anunciou o lançamento do Sora, um gerador de vídeos por meio de comandos escritos. Os primeiros exemplos apresentados pela empresa de San Francisco não resistem a um exame mais cuidadoso, mas impressionam pela riqueza de detalhes. Embora não seja um recurso inédito no mercado, a grita foi instantânea, especialmente na indústria de entretenimento americana, que usa muitos programas de efeitos especiais. E os analistas correram para dizer que a sua introdução marca um salto significativo tanto para a pioneira companhia como para o futuro dessa classe de programas.

O que é?

Na definição da OpenAI, Sora é um gerador de texto para vídeo – criando vídeos de até 60 segundos de duração com base em instruções escritas usando IA generativa. O modelo também pode gerar vídeo a partir de uma imagem estática existente.

A IA generativa é um ramo da IA que pode criar algo novo. Os exemplos incluem *chatbots*, como ChatGPT da OpenAI, e geradores de imagens como DALL-E e Midjourney. Conseguir um sistema de IA para gerar vídeos é mais novo e desafiador, mas depende de parte da mesma tecnologia.

Introducing Sora – OpenAI's text-to-video model



Continua após a publicidade

Posso usar?

Sora ainda não está disponível para o grande público (a OpenAI diz que está interagindo com legisladores e artistas antes de lançar oficialmente a ferramenta) e há muita coisa que ainda não se sabe. Mas desde o anúncio, a empresa compartilhou alguns exemplos de vídeos gerados por Sora para mostrar o que o programa pode fazer.

É perfeito?

Embora os vídeos gerados pelo Sora possam representar cenas complexas e incrivelmente detalhadas, a OpenAI observa que ainda existem alguns pontos fracos – incluindo alguns elementos espaciais e de causa e efeito. Por exemplo, a OpenAI acrescenta em seu site: “uma pessoa pode dar uma mordida em um biscoito, mas depois o cookie pode não ter marca de mordida”.

Existem outras ferramentas parecidas?

Sora não é o primeiro desse tipo. Google, Meta e a startup Runway ML estão entre as empresas que demonstraram tecnologia semelhante. Ainda assim, os analistas do setor enfatizam a aparente qualidade e a duração impressionante dos vídeos Sora compartilhados até agora.

Continua após a publicidade

Quais são os riscos?

As empresas de tecnologia ainda estão no comando quando se trata de controlar a IA e seus riscos, enquanto os governos de todo o mundo trabalham para se atualizar. Em dezembro, a União Europeia chegou a um acordo sobre as primeiras regras abrangentes de IA do mundo, mas a lei só entrará em vigor dois anos após a aprovação final.

A OpenAI disse que estava tomando medidas de segurança importantes antes de disponibilizar amplamente o Sora. “Estamos trabalhando com *red teamers* – especialistas em áreas como desinformação, conteúdo de ódio e preconceito – que testarão o modelo de forma adversa”, escreveu a empresa. “Também estamos construindo ferramentas para ajudar a detectar conteúdo

enganoso, como um classificador de detecção que pode dizer quando um vídeo foi gerado por Sora.”

Como foi criada?

A OpenAI revelou informações limitadas sobre como o Sora foi construído. O relatório técnico da OpenAI não revelou quais fontes de imagens e vídeos foram usadas para treinar Sora.
Continua após a publicidade

O lançamento do Sora também chega em meio a processos judiciais contra a OpenAI e sua parceira de negócios Microsoft por alguns autores e pelo *New York Times* sobre o uso de obras escritas protegidas por direitos autorais para treinar o ChatGPT.
Publicidade

Criando vídeo a partir de texto

Sora é um modelo de IA que pode criar cenas realistas e imaginativas a partir de instruções de texto.

[Leia o relatório técnico](#)

Todos os vídeos desta página foram gerados diretamente por Sora sem modificação.

Estamos ensinando a IA a entender e simular o mundo físico em movimento, com o objetivo de treinar modelos que ajudem as pessoas a resolver problemas que exigem interação no mundo real.

Apresentamos o Sora, nosso modelo de texto para vídeo. O Sora pode gerar vídeos de até um minuto de duração, mantendo a qualidade visual e a aderência ao prompt do usuário.



Prompt: A stylish woman walks down a Tokyo street filled with warm glowing neon and animated city signage. She wears a black leather jacket, a long red dress, and black boots,...
more

0:00 / 0:00 ⬇ ⬆ Prompt: Several giant woo
long wooly fur lightly blow:
more

Today, Sora is becoming available to red teamers to assess critical areas for harms or risks. We are also granting access to a number of visual artists, designers, and filmmakers to gain feedback on how to advance the model to be most helpful for creative professionals.

We're sharing our research progress early to start working with and getting feedback from people outside of OpenAI and to give the public a sense of what AI capabilities are on the horizon.



Prompt: Historical footage of California during the gold rush.

0:00 / 0:00   Prompt: A close up view of dwarf in the sphere who is

Sora is able to generate complex scenes with multiple characters, specific types of motion, and accurate details of the subject and background. The model understands not only what the user has asked for in the prompt, but also how those things exist in the physical world.



Prompt: The camera follows behind a white vintage SUV with a black roof rack as it speeds up a steep dirt road surrounded by pine trees on a steep mountain slope, dust kicks up from the tires.
more

0:00 / 0:00   Prompt: Reflections in the

The model has a deep understanding of language, enabling it to accurately interpret prompts and generate compelling characters that express vibrant emotions. Sora can also create multiple shots within a single generated video that accurately persist characters and visual style.

Prompt: Tour of an art gallery with many beautiful works of art in different styles.

0:00 / 0:00   Prompt: Beautiful, snowy T
street, following several pe
more

The current model has weaknesses. It may struggle with accurately simulating the physics of a complex scene, and may not understand specific instances of cause and effect. For example, a person might take a bite out of a cookie, but afterward, the cookie may not have a bite mark.

The model may also confuse spatial details of a prompt, for example, mixing up left and right, and may struggle with precise descriptions of events that take place over time, like following a specific camera trajectory.

Prompt: Step-printing scene of a person running, cinematic film shot in 35mm.

Weakness: Sora sometimes creates physically implausible motion.

0:00 / 0:00   Prompt: Five gray wolf pup surrounded by grass. The more

Weakness: Animals or people many entities.

Safety

We'll be taking several important safety steps ahead of making Sora available in OpenAI's products. We are working with red teamers—domain experts in areas like misinformation, hateful content, and bias—who will be adversarially testing the model.

We're also building tools to help detect misleading content such as a detection classifier that can tell when a video was generated by Sora. We plan to include C2PA metadata in the future if we deploy the model in an OpenAI product.

In addition to us developing new techniques to prepare for deployment, we're leveraging the existing safety methods that we built for our products that use DALL-E 3, which are applicable to Sora as well.

For example, once in an OpenAI product, our text classifier will check and reject text input prompts that are in violation of our usage policies, like those that request extreme violence, sexual content, hateful imagery, celebrity likeness, or the IP of others. We've also developed robust image classifiers that are used to review the frames of every video generated to help ensure that it adheres to our usage policies, before it's shown to the user.

We'll be engaging policymakers, educators and artists around the world to understand their concerns and to identify positive use cases for this new technology. Despite extensive research and testing, we cannot predict all of the beneficial ways people will use our technology, nor all the ways people will abuse it. That's why we believe that learning from real-world use is a critical component of creating and releasing increasingly safe AI systems over time.



Prompt: The camera directly faces colorful buildings in Burano Italy. An adorable dalmation looks through a window on a building on the ground floor. Many people are walking and...
more

0:00 / 0:00 ⬇ ⬆ Prompt: An adorable happy lifejacket, riding along turc
more

Research techniques

Sora is a diffusion model, which generates a video by starting off with one that looks like static noise and gradually transforms it by removing the noise over many steps.

Sora is capable of generating entire videos all at once or extending generated videos to make them longer. By giving the model foresight of many frames at a time, we've solved a challenging problem of making sure a subject stays the same even when it goes out of view temporarily.

Similar to GPT models, Sora uses a transformer architecture, unlocking superior scaling performance.

We represent videos and images as collections of smaller units of data called patches, each of which is akin to a token in GPT. By unifying how we represent data, we can train diffusion transformers on a wider range of visual data than was possible before, spanning different durations, resolutions and aspect ratios.

Sora builds on past research in DALL-E and GPT models. It uses the recaptioning technique from DALL-E 3, which involves generating highly descriptive captions for the visual training data. As a result, the model is able to follow the user's text instructions in the generated video more faithfully.

In addition to being able to generate a video solely from text instructions, the model is able to take an existing still image and generate a video from it, animating the image's contents with accuracy and attention to small detail. The model can also take an existing video and extend it or fill in missing frames. [Learn more in our technical report.](#)

Sora serves as a foundation for models that can understand and simulate the real world, a capability we believe will be an important milestone for achieving AGI.

Revista CNJ: automação processual amplia eficiência de atendimentos em tribunal



Sala de Sessões do Tribunal de Justiça de São Paulo (TJSP). Foto: TJSP

A implementação do Sistema de Automação de Justiça (SAJ) no Tribunal de Justiça de São Paulo (TJSP), que começou em 2013, consolidou-se em 2016 com resultados imediatos. A duração média de um processo judicial caiu 24% no Tribunal de Justiça de São Paulo (TJSP) entre 2015 e 2022. No mesmo período, o índice de atendimento aos processos na fase de conhecimento aumentou 28,5% quando comparado à média de 2010 a 2014.

Os dados constam do artigo do especialista em inteligência competitiva na empresa de tecnologia Softplan, Tiago Ribeiro Alves de Melo, publicado na atual edição da [Revista CNJ](#). “Verifica-se que o órgão direcionou suas ações para identificar e resolver os principais problemas que afetavam seu desempenho”, aponta o pesquisador.

Os dados de acessibilidade fornecidos pela empresa, provedora do SAJ, bem como informações do relatório Justiça em Números serviram de subsídio para o trabalho “Houve um reposicionamento do TJSP como um tribunal de alta performance, a partir de 2016, à luz de conceitos de eficiência e baseado em dados do Justiça em Números,” avaliou.

O artigo elenca outros cinco eixos de análise – eficiência, celeridade, isonomia, segurança jurídica e previsibilidade. Essas são as principais características para uma Justiça que maximiza o efeito positivo na economia, conforme os referenciais teóricos utilizados pelo autor na área de Análise Econômica do Direito.

O estudo aborda o impacto da Justiça na sociedade sob a perspectiva econômica. “Uma Justiça previsível, isonômica, célere, acessível e que provê segurança jurídica são condicionantes para uma sociedade economicamente próspera e que forneça bem-estar aos seus membros”, escreve o autor, que é doutor em Economia Organizacional pela Universidad de Salamanca, na Espanha.

Estadísticas

Na busca por excelência estatística, ele menciona a importância do Justiça em Números, publicado desde 2009 pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ) bem como as resoluções CNJ n.331/2020, que instituiu o DataJud, e a n.446/2022, que instituiu o Codex.

O autor contextualiza que o TJSP é um tribunal que abarca 35,6% de todos os processos pendentes de baixa nas justiças estaduais do país em 2022. Contudo, quando comparados, os dados de 2022 (quando 97,6% dos processos que entraram na Justiça eram eletrônicos) e 2010 (quando 15% eram eletrônicos), observa-se a eliminação dos processos físicos. A eliminação dos estoques deve acontecer até 2025.

As despesas com tecnologia da informação, entretanto, mostram-se relativamente baixas, considera o autor. “As necessidades de investimento em software e hardware no período fizeram com que a representatividade dessas despesas no orçamento das instituições crescesse apenas um ponto percentual”, destaca.

Segundo ele, o custo do processo baixado no TJSP com e sem o SAJ permaneceu 10% menor que na média dos outros tribunais. Ao mesmo tempo, o TJSP arrecadou 1,65 vezes o valor gasto em 2022, destacando-se como o único tribunal superavitário do Brasil.

O autor destaca ainda que, no período anterior à implantação do Sistema de Automação de Justiça (SAJ), a média de produtividade dos magistrados no TJSP era de 2.025 processos baixados ao ano. De 2016 a 2022, essa média subiu para 2.254. No cenário pré-SAJ, com uma carga de trabalho 21% maior que os outros tribunais de grande porte, o TJ paulistano produzia 8,7% menos que a média de produção dos demais. Já no período pós-SAJ, mesmo com o aumento da carga de trabalho de 23,6%, a produtividade passou a ser 4,8% maior que a dos outros tribunais de grande porte.

Texto: Mariana Mainente

Edição: Beatriz Borges

MACRODESAFIO

APERFEIÇOAMENTO DA GESTÃO ADMINISTRATIVA E DA GOVERNANÇA JUDICIÁRIA

Google rebatiza sua IA: sai Bard, entra Gemini; versão paga custa R\$ 97/mês



O Google anunciou, nesta quinta-feira (8), o lançamento de uma nova versão de seu aplicativo de **Inteligência Artificial** (IA) generativa para smartphones, o Bard, que foi rebatizado como Gemini, e de sua interface mais avançada até o momento, a Ultra 1.0.

A mudança de nome do Bard ocorre um ano após o gigante das buscas na internet lançar seu robô de conversação – chatbot – em uma tentativa frenética de alcançar o Bing, da Microsoft, à medida que a corrida pelo desenvolvimento de IA e supremacia neste campo se intensifica.

Desde o seu lançamento, os chatbots evoluíram para ter a capacidade de gerar imagens com realismo impressionante e textos em resposta a diversos tipos de perguntas em todas as áreas, baseando-se em bases de dados extraídas da internet.

O Gemini estará disponível por meio de um link fácil de visualizar no aplicativo do Google para iPhones, indicando que o chatbot de inteligência artificial está se tornando uma parte integrante da experiência do consumidor, quase no mesmo nível das ferramentas de busca.

No Android, haverá um aplicativo em separado que poderá ser baixado em breve no Brasil — por enquanto, apenas países selecionados. O Gemini, inclusive, poderá substituir o Google Assistente, tornando o assistente mais esperto.

Gemini Ultra 1.0, uma versão mais sofisticada e paga

O Google também anunciou o lançamento do Gemini Ultra 1.0, seu modelo de IA generativa mais poderoso até o momento, que estará disponível como um chatbot avançado por US\$ 20 por mês (R\$ 97 por mês no Brasil) em 150 países, embora apenas em inglês. Diferencial está na capacidade de aceitar comandos maiores, realizar tarefas mais complexas, auxiliar em linguagens de programação e fazer ações mais rápidas.

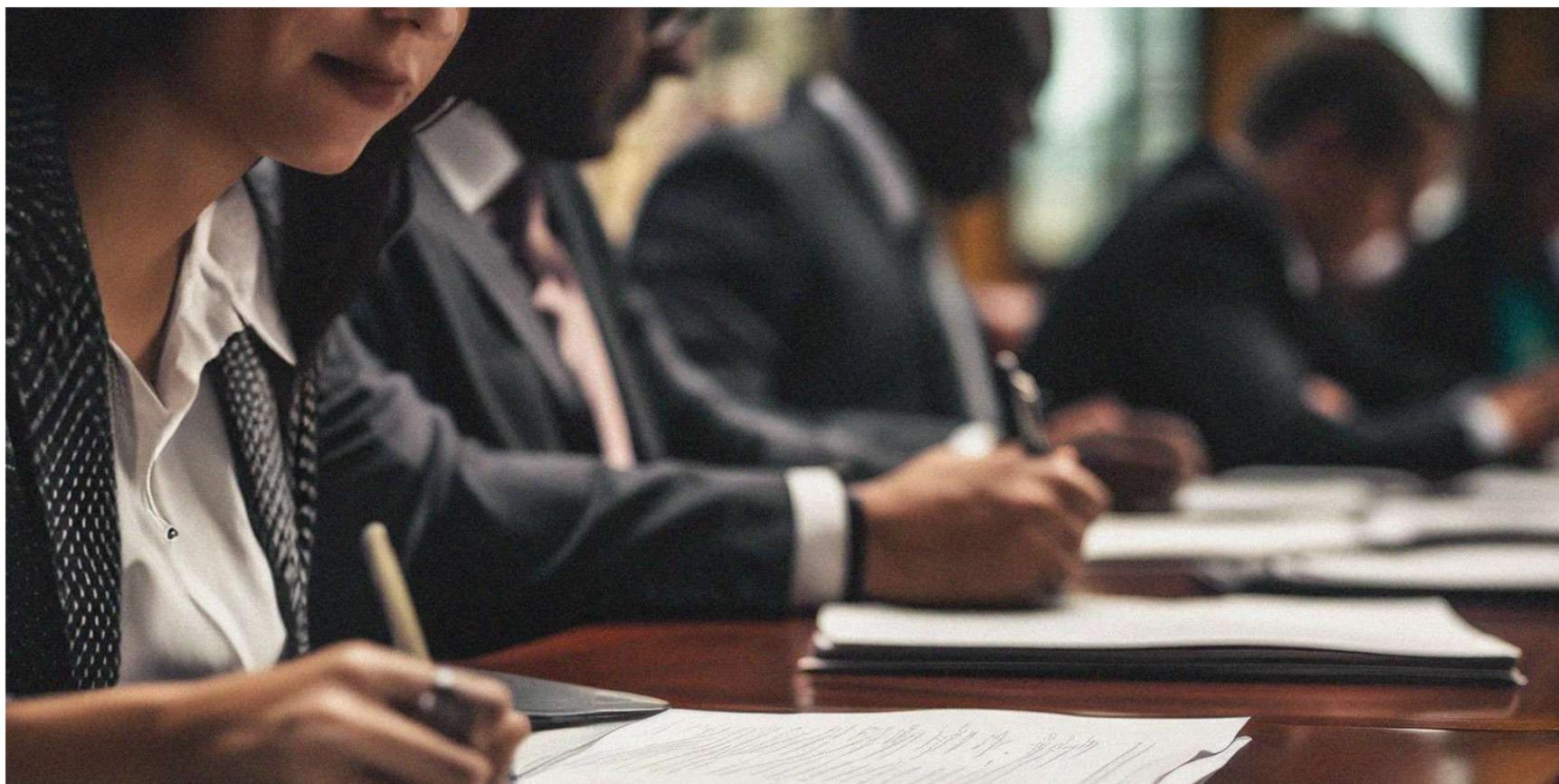
O Gemini e o Gemini Advanced, menos poderosos, serão aplicativos independentes para telefones Android e se integrarão ao aplicativo do Google para **iPhone**.

O anúncio do Google veio um dia depois que a Microsoft disse ter renovado seu aplicativo equivalente, o Copilot, que é o novo nome do chatbot do Bing.

Enquanto algumas dúvidas e preocupações persistem sobre o uso a longo prazo de chatbots de IA generativa, tanto o Google quanto a Microsoft destacam a capacidade de seus produtos de impulsionar a criatividade online.

FONTE: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/afp/2024/02/09/google-substitui-bard-por-gemini.htm>

Planejamento estratégico e governança: o papel dos dados na administração pública



Em um mercado volátil e competitivo, a gestão de dados auxilia a adaptação às mudanças e impulsiona a inovação no setor público brasileiro.



InterSystems®

Oferecido por

[InterSystems](#)



Agilidade, resiliência e previsibilidade. Nos últimos anos, esses três fatores se tornaram mais valiosos para as organizações, diante de um mercado altamente volátil e competitivo. A gestão de dados assumiu um papel estratégico dentro das empresas, oferecendo não só uma visão mais clara sobre o mercado, como também possibilitando a adaptação rápida às mudanças, impulsionando a inovação e promovendo a sustentabilidade a longo prazo.

No setor público, no entanto, a adoção de uma gestão eficiente de dados é mais complexa, embora existam casos de uso mais evidentes em segmentos como saúde e economia. Durante a pandemia de Covid-19, por exemplo, governos do Brasil e do mundo investiram no monitoramento de dados para acompanhar os avanços da doença e suas consequências para a população.

Uma análise da consultoria norte-americana McKinsey aponta que um dos principais desafios na gestão de dados para os governos é garantir a acessibilidade e integração dos fluxos de informação. Além disso, segurança e privacidade são fatores que devem ser considerados para que essa gestão de dados seja realizada de maneira eficiente.

Mas, apesar dos desafios, investir em uma cultura que valorize os dados permite às organizações públicas avançarem em ações que viabilizam, sobretudo, melhorar a experiência e a qualidade de vida dos cidadãos, aumentar a eficiência administrativa, garantir a adoção de políticas baseadas em dados e reduzir riscos de fraudes.

Gestão de dados no setor público

No Brasil, o Governo de Sergipe está investindo na melhoria da gestão de dados e na interoperabilidade da rede que integra todas as secretarias de governo. O principal objetivo é promover o desenvolvimento socioeconômico e sustentável do estado, garantindo a excelência dos serviços públicos.

A iniciativa é liderada pela Facilit, parceira de negócios da InterSystems. Por meio da plataforma digital Target, o Governo de Sergipe tem agora a possibilidade de controlar ações e resultados de planejamento estratégico em diferentes secretarias e de forma integrada. Uma das

vantagens é a possibilidade de acompanhar automaticamente indicadores de desempenho em todas as áreas. Já a InterSystems IRIS, plataforma de dados da nuvem integrada à Target, auxilia no gerenciamento de banco de dados, interoperabilidade e análise de desempenho.

“Percebemos o empenho em modernizar a administração pública por meio das tecnologias de informação e comunicação (TICs) desde o início do projeto e-Gov, o que resultou em mais eficiência na gestão e nos serviços públicos. A InterSystems tem muita sinergia com essa transformação, pois é uma empresa que já nasceu, em 1978, com o objetivo claro de que a tecnologia deve ser usada para melhorar a vida das pessoas. Por isso, temos a vertical de mercado governo como uma das principais metas para proporcionar ao poder público o melhor serviço aos cidadãos”, diz Alexandre Tunes, country manager da InterSystems no Brasil.

Todo o sistema funciona dentro de uma cloud AWS, da Amazon. Além dos dados presentes em sistemas do próprio governo, informações de outras bases de dados, como do Ministério da Justiça ou da Saúde, são utilizados. “A partir daí [dessas bases de dados] criamos um dashboard — e utilizamos o IRIS para isso —, a plataforma pega essa base de dados, traz para a gente, e nós usamos outros indicadores dentro do Target para gerar informações que permitam ao gestor tomar as melhores decisões”, explica Manoel Amorim, CEO da Facilit.

A plataforma ainda viabiliza o acompanhamento dos principais indicadores de cada secretaria, além dos mapas de projetos espalhados pelo estado para que os gestores tenham condições de criar relatórios atualizados, facilitando a identificação de soluções.

A escolha de integrar a Target à InterSystems IRIS foi feita com base em uma série de benefícios mapeados na plataforma e que ajudam a otimizar a performance do sistema Target, desenvolvido pela Facilit. Isso inclui a possibilidade de processamento de alta velocidade e o acesso a dados distribuídos. A IRIS está disponível em todos os principais mercados de nuvem pública, incluindo serviços da Web da Amazon, Microsoft Azure, Plataforma de Nuvem do Google e nuvem privada, e já foi implantada em todo o mundo.

Gestão, monitoramento e impacto social

Amorim explica que a relação com o Governo de Sergipe começou a partir de uma necessidade dos gestores públicos do estado em entender quais são os projetos prioritários e quem eram os responsáveis por cada etapa de desenvolvimento dessas iniciativas. Com o sistema da Facilit, foi possível desenvolver pontos de controle para cada projeto para que eles realmente aconteçam.

A plataforma também ajudou a facilitar o monitoramento dos principais indicadores do estado, como números de vacina e de pessoas vacinadas, quantidade de pessoas atendidas em hospitais, entre outros dados não só relacionados ao setor da saúde, mas diferentes áreas.

“É um lugar em que são colocados os projetos e onde é possível lembrar de quando os prazos vão expirar. Além disso, vamos fazer uma integração direta do Target com o sistema financeiro do Estado. Também vai permitir que o governador e os secretários consigam enxergar como andam os planos, os projetos, possibilitando uma maneira de trabalhar mais ágil e, ao mesmo tempo, as informações serão automaticamente colocadas no sistema, gerando relatórios de uma forma muito mais simples”, explica Manoel Amorim, CEO da Facilit.

As informações podem ser acessadas em tempo real, de qualquer lugar ou dispositivo. Outro destaque é a possibilidade de acessar dados de outros ministérios, do IBGE, entre outros órgãos, para acompanhar a evolução dos indicadores. Além do impacto social — visto que diferentes iniciativas importantes para a melhoria da qualidade de vida da população, de fato, saem do papel —, essa gestão de dados multicloud possibilita ao governo a adoção de medidas que evitam o desperdício financeiro e reduz a burocracia.

“As equipes de planejamento e econômica somaram esforços para trazer essa nova plataforma de acompanhamento e monitoramento do orçamento, do planejamento estratégico que é fundamental para nos dar um norte daquilo que queremos, para mostrar como estamos e o que queremos para Sergipe”, afirmou o governador Fábio Mitidieri.

Desafios e oportunidades

Organizar uma estrutura como essa, no entanto, tem seus desafios. Personalização e segurança, por exemplo, são fatores essenciais quando se fala em integração de dados. “Nós trabalhamos com muitos dados públicos. Dados do IBGE, de alguns relatórios, a gente faz análise de várias informações diferentes, pegando bases de dados diferentes, em clouds diferentes. Então existem algumas nuances”, pontuou Amorim.

Hoje, a Target conta com mais de 150 funcionalidades e o próprio gestor de projetos é quem define o que ele pretende ou não utilizar. Por exemplo, é possível atuar na análise de risco detalhado, com a parte financeira, com documentações ou, se necessário, com todas elas em conjunto.

“Você consegue configurar todo o sistema sem a necessidade de programar. Você tem um único código-fonte, no qual é possível fazer toda a configuração e o administrador do sistema define quem pode ver o quê, quem pode acessar o quê. Tem login de tudo, tudo o que qualquer pessoa fizer, a gente sabe quem fez, qual foi o computador que fez, qual foi o IP”, destacou.

A empresa de consultoria PWC prevê que, em 2024, a Inteligência Artificial mudará fundamentalmente a forma como os negócios são feitos, mas também as formas de conduzir operações diárias, construção de novos modelos de negócios e o modo como projetos de diferentes esferas são desenvolvidos.

Tanto a Facilit, quanto a InterSystems já mapeiam como essa e outras tecnologias emergentes podem agregar às suas plataformas. Amorim destacou, por exemplo, os estudos em torno da tecnologia LLM, a mesma utilizada pela OpenAI para o desenvolvimento do ChatGPT. “Estamos usando algumas ferramentas dessas e já temos alguns protótipos usando o próprio IRIS. A ideia de automatizar o processo é uma coisa importante, porque acaba simplificando, as pessoas ganham mais autonomia e conseguem ter uma visão mais ampla para entender por onde caminhar.”

Como a inteligência artificial pode tornar o brainstorming menos tedioso

A tecnologia generativa melhora o trabalho – mas os funcionários precisam ser tão inteligentes quanto seus novos assistentes.



Todos nós já passamos por isso: um brainstorming da empresa toda, uma sessão de “ideação” de alto nível, uma – que Deus nos ajude – “sessão improvisada de estratégia”. Mesas para dez, um monte de flipcharts e uma pilha de post-its nos quais um moderador com excesso de café nos convida a escrever nossas prioridades para o ano que entra. Uma semana depois, um anexo enorme circula por e-mail, apenas para naufragar rapidamente em uma caixa de entrada abarrotada com as demandas mais urgentes do dia.

A CEO da Mercer, Martine Ferland, organizou há pouco tempo uma reunião desse tipo para 150 líderes da consultoria de recursos humanos. Mas, em vez de usar post-its, ela lhes pediu que escrevessem suas prioridades em iPads. “Quando o moderador entrou em cena, já tínhamos um sumário criado pela IA”, contou-me Ferland recentemente. Em seguida, as 15 mesas refinaram o resultado com notas de seguimento relevantes para o setor da indústria em que trabalhavam.

Esse é um exemplo de como as empresas têm usado a inteligência artificial generativa. Como Erik Brynjolfsson, da Universidade de Stanford, disse aos delegados da cúpula do Fórum Econômico Mundial em Davos, no mês passado, este é o ano em que a IA generativa “ganhará um corpo e começará a fazer coisas – transformar o mundo, transformar o trabalho, transformar a produtividade”.

Mas primeiro as empresas precisarão transformar os próprios funcionários; convencê-los, por exemplo, a desaprender algumas formas velhas de brainstorming e a descobrir como colaborar melhor com a ajuda dessa ferramenta nova e poderosa.

O potencial da IA generativa para revolucionar os dias de trabalho da liderança fora do escritório não é exatamente algo que vá mudar o mundo. Mas cabe perfeitamente na caixa em que quase todos os executivos que conheci em Davos afirmam que planejam confinar, por enquanto, a inteligência artificial generativa: a de um “amplificador” de aperfeiçoamentos no trabalho em vez de um “entrave” destruidor de empregos, um melhorador de receitas mais do que um redutor de custos.

Ferland acredita que a IA substituirá algumas funções, mas vai ampliar outras, ajudando a “superar a escassez de talentos” e a aproveitar melhor o tempo disponível.

Outros CEOs com quem conversei recentemente se gabam de como a inteligência artificial generativa já auxilia nas tarefas: acelera a devida diligência para investimentos, busca e faz a triagem de candidatos a empregos, integra e treina novos funcionários, estimula a equipe de atendimento ao cliente a encontrar as respostas certas e a fazer as perguntas certas.

A acessibilidade e a usabilidade instantâneas da inteligência artificial generativa a diferenciam das ondas anteriores de tecnologia de cima para baixo, como a digitalização. “Vejo menos obstáculos [ao uso generalizado] da IA generativa do que no caso de todas as outras tecnologias com que lidamos há décadas”, disse Barbara Lavernos, vice-executiva-chefe da empresa de cosméticos L’Oréal.

A falta de atrito, porém, também traz seus desafios. O especialista em criatividade Jeremy Utley, também de Stanford, diz que a interface tipo “caixa de texto” de aplicativos como o ChatGPT convida os usuários a fazerem consultas, de forma muito semelhante a uma pesquisa no Google. Para ele, isso “predispõe a pessoa a tratar a IA como um oráculo” e não como um colaborador criativo, o que tira um pouco da força do brainstorming.

Utley e Kian Gohar acabaram de publicar um estudo sobre como as equipes de inovação empresarial usam a nova ferramenta em tarefas de resolução de problemas. Eles concluíram que a maioria não conseguia tirar o melhor proveito da ajuda da IA e ficava aquém até do próprio potencial de resolução de problemas.

Por exemplo, as equipes que usavam a inteligência artificial tendiam a produzir menos respostas realmente boas ou realmente ruins do que seus colegas sem assistência da IA. As equipes que produziram respostas de grau A com a ajuda da IA acharam o trabalho mais difícil do que aquelas que se contentaram com ideias “boas o suficiente”. As equipes com baixo desempenho tendiam a usar o chatbot de IA como um solucionador de problemas, em vez de um parceiro de conversação.

A IA generativa tem sido comparada a um “estagiário de verão de um MBA”, embora com muito mais poder e conhecimento à sua disposição. Mas, segundo Utley, se um gerente desse uma instrução de uma tarefa a um estagiário e recebesse um relatório terrível, “o problema não seria o estagiário, seria o gerente”.

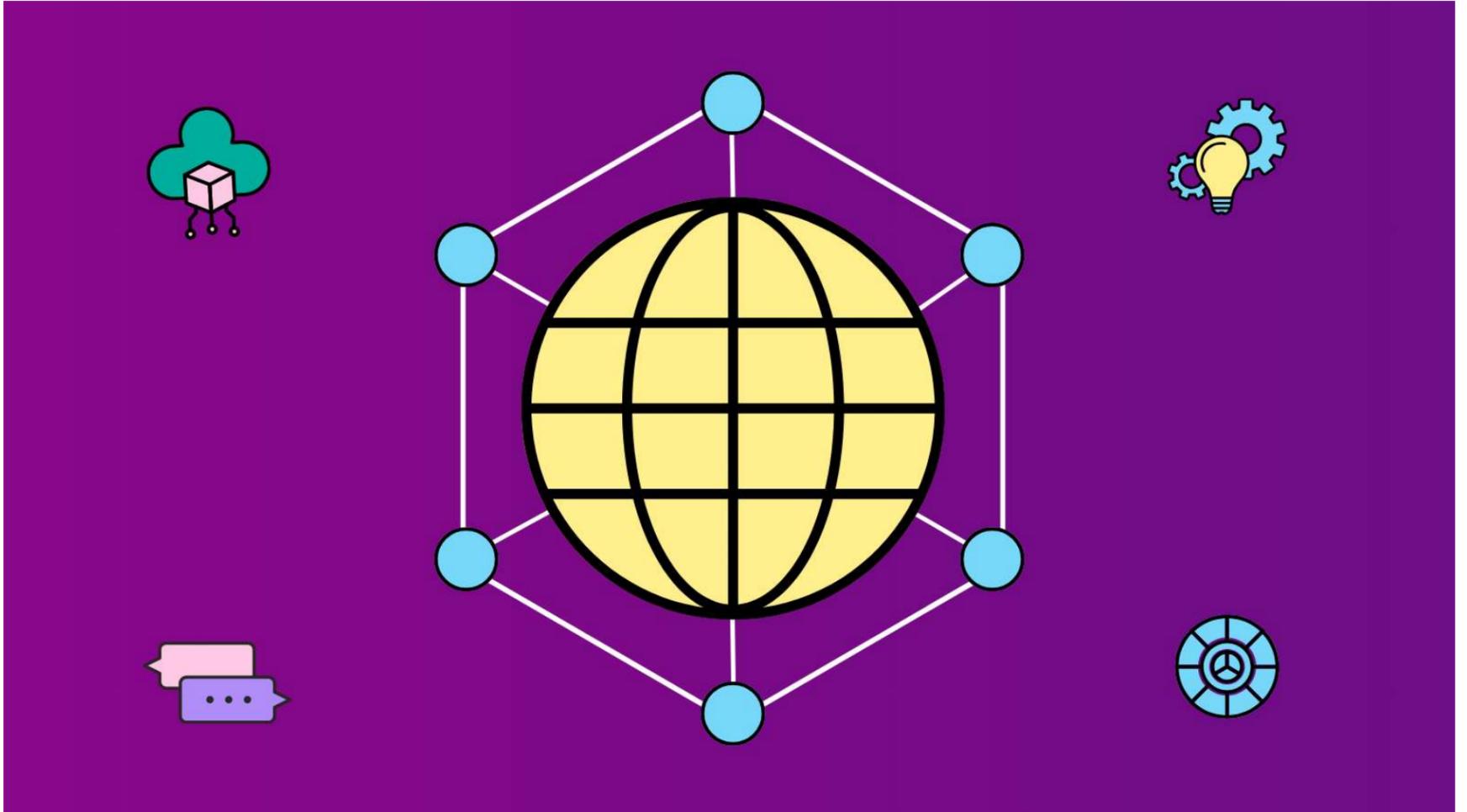
Gohar e Utley sugerem algumas maneiras de melhorar isso. Pedir às pessoas que pensem cuidadosamente e sozinhas sobre um problema específico antes de interagir com a inteligência artificial. Envolver um moderador neutro para ajudar a guiar a fase final de organização das ideias. Acima de tudo, como lhes disse um executivo, para alcançar os resultados mais criativos “ponha a ênfase no chat, não no bot”.

Para Brynjolfsson, este não é “o momento de sentar e esperar”. Mas as empresas devem preparar o terreno e agir com cuidado. No grupo de logística DHL, Nikola Hagleitner, membro do conselho de gestão, diz que precisa ficar encorajando os funcionários da linha de frente das entregas para que aceitem e aproveitem o potencial da IA, ao mesmo tempo em que tem de conter os gestores tentados a avançar depressa demais: “Temos de segurar o ritmo de um grupo e tirar o medo do outro grupo”, resume ela.

Na teoria, a tecnologia deveria aumentar o volume e a variedade das ideias geradas pelo emparelhamento de seres humanos e inteligência artificial. Mas Utley afirma que a IA pode simplesmente amplificar os preconceitos cognitivos subjacentes dos envolvidos na brainstorm, tais como, por exemplo, aceitar a primeira resposta plausível do chatbot. A menos que as pessoas envolvidas no processo mudem a forma como trabalham, em vez de estimular estratégias inovadoras, a IA generativa vai acelerar as práticas problemáticas e os maus resultados – será mais tempestade do que cérebro. (Tradução de Arutha Martins)

FONTE: <https://valor.globo.com/carreira/noticia/2024/02/11/como-a-inteligencia-artificial-pode-tornar-o-brainstorming-menos-tedioso.ghtml>

How can sandboxes spur responsible data-sharing across borders?



The [UNCTAD eWeek 2023](#) was held on December 4 – 8, 2023, in Geneva, Switzerland under the theme ‘Shaping the future of the digital economy’. The event explored key policy areas that must be addressed to build an inclusive and sustainable digitalization at the national, regional, and global levels with the involvement of all relevant stakeholders.

The roundtable, co-organized by the Datasphere Initiative, the [Brazilian Data Protection Authority \(ANPD\)](#), & [Lawyers Hub](#) on December 4, 2023, engaged a diverse group of stakeholders in a highly practical conversation on how to measure and leverage creative solutions within sandboxes for data. It particularly focused on developing countries where data poverty and infrastructure challenges pose barriers to equitable and inclusive digital transformation. Participants were invited to share their own best practices on how to design effective sandboxes for data that foster trust and benefit all.

This blog summarizes the key takeaways from the discussion.

Timea Suto, Global Policy Lead Digital Economy, International Chamber of Commerce (ICC), supported that we should move towards horizontal, flexible, and technologically neutral frameworks that responsibly unlock the value of data while guaranteeing the effective protection of people’s privacy and security.

Data underpins and reflects human activities. However, how we unlock the value of data to tackle global challenges is addressed in separate silos and the patchwork of uncoordinated actions creates more problems than it solves. At a time of increasing data localization measures, digital protectionism, and fragmentation, agile and rights-respecting approaches to data-sharing are needed more than ever.

Timea argued that despite the core role of data in facilitating economic activity and innovation, there is a growth of mistrust in data and data flows. In this context, she supported the implementation of policies fostering responsible cross-border data transfers, and the development of regulatory sandboxes to allow for dialogue between stakeholders. Such policies and tools can reinforce trust and boost data-driven innovation.

“To address mistrust and unlock the value of data, there should be a move towards flexible, technologically neutral frameworks,” mentioned Timea.

Risper Onyango, Policy Lead of Digital Economy, at Lawyers Hub Kenya, advocated for the integration of regulatory sandboxes in different sectors, and regions, and emphasized the importance of multistakeholder participation within the sandbox. Sandboxes are seen as an effective tool to handle the nuances around data governance, as shown in the fintech sector, which is leading its implementation.

Risper also pointed out that there is a need to foster inclusivity in international fora, by including the African perspective in these discussions, and stakeholders groups that are often left behind, such as civil society.

“Harmonizing cross-border regulations and practices within the African continent presents challenges due to differing regional and continental structures. Streamlined and coordinated efforts are needed to create harmonized regulations,” shared Risper.

Lorraine Porciuncula, Executive Director of the Datasphere Initiative, highlighted the necessity to move from a linear approach to a more agile and iterative approach through sandboxes in data governance. Sandboxes provide a collaborative environment for data testing and have the potential to address complex challenges of data governance. In addition, they enable experimentation with new uses, capabilities, and means of governing data.

However, there is still a long way to go before sandboxes are fully embraced to help design data policy frameworks, especially in a cross-border regulatory context. More dialogue, engagement, and investment are needed to fully bring their potential to life. During the session, Lorraine explored common misconceptions surrounding sandboxes and their potential to tackle data policy issues regulators face. The Datasphere Initiative has previously addressed some [myths around sandboxes](#).

Finally, Ms. Porciuncula shared the plans of the Datasphere Initiative for launching a [Global Sandboxes Forum](#). The project would aim to bring experts and practitioners together to experiment with technical and policy solutions for data governance.

“To tackle these complex issues, we must adopt a more agile approach. The term “sandbox” itself underscores the meaning of a safe space to build, create, and recreate,” said Lorrayne.

Lucas Costa dos Anjos, Data Protection Specialist at the National Data Protection Authority Brazil (ANPD), argued that the use of sandboxes can help in the implementation of regulatory policies by testing them in a controlled environment.

Brazil has a strong tradition in internet regulation and sees multistakeholder participation as an effective way for cooperation for better decision-making. Before launching the sandbox, ANPD opened a [public consultation](#) to gather inputs on the regulatory sandbox for artificial intelligence and data protection in Brazil.

Lucas added that transparency mechanisms are essential to build public trust in sandbox initiatives. ANPD plans to externalize and multiply the knowledge obtained from the sandbox to guarantee transparency.

“Multistakeholder engagement is important in sandbox initiatives. In Brazil, the involvement of civil society, academia, government, and private sectors has been recognized as crucial to the success of such initiatives,” said Lucas.

Melody Musoni, Digital Economy and Governance Policy Officer at ECDPM, stated that regulatory sandboxes are beneficial in providing a safe environment to test fintech innovations and propose amendments where the existing framework may not be sufficient. Moreover, sandboxes can propose appropriate adjustments to current policy and legal structures. Melody shared experiences of countries in Africa implementing sandboxes, including South Africa, which set up an effective approach to regulate crypto assets.

However, she pointed out that financial requirements for entering a regulatory sandbox can be challenging for startups and small innovators, and might struggle to raise enough funding to implement them.

“Financial requirements for entering a regulatory sandbox can be challenging for startups and small innovators. Limited funding could hinder their participation, potentially inhibiting innovation in the fintech sector,” stated Melody.

All in all, speakers concluded that sandboxes are an effective instrument for testing and deploying collaborative data solutions within and across borders.

In summary, speakers affirmed that sandboxes serve as an effective instrument for testing and deploying collaborative data solutions within and beyond borders. They emphasized the importance of promoting education, and transparency, engaging in multistakeholder discussions, and facilitating funding to support these endeavors.

WhatsApp libera novas formatações de texto; veja como usá-las

De Tilt, em São Paulo (SP)

21/02/2024 12h00

O WhatsApp libera novas opções de formatação de texto, nesta quarta-feira (21). De acordo com a empresa, a atualização do aplicativo ajudará os usuários a "economizar tempo e se comunicarem de maneira mais eficaz".

As novas opções —adicionais às formatações negrito, itálico, tachado e monoespaçado— já estão disponíveis para Android, iOS, Web e Mac desktop.

Os administradores de Canais no WhatsApp também poderão usar essas opções.

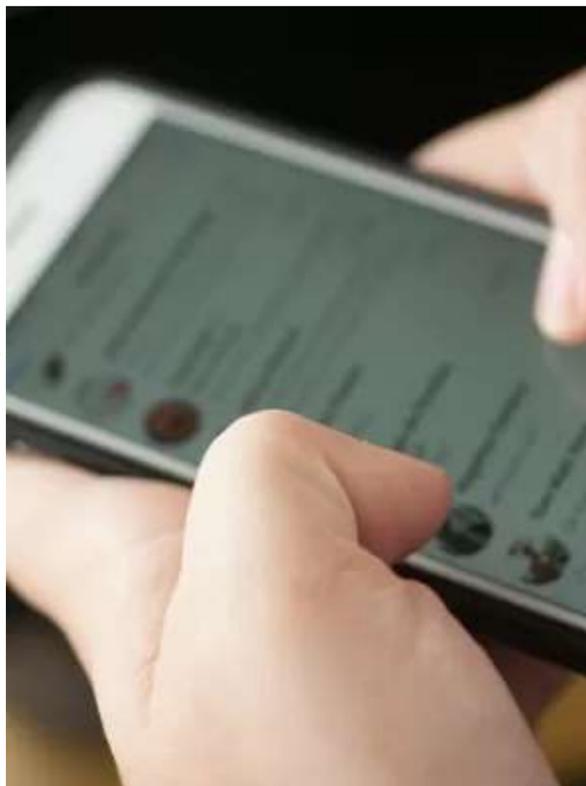


Imagem: rodrigobark/Getty Images

CONTINUA APÓS A PUBLICIDADE

 **Josias de Souza**

Ato de Bolsonaro não tem o 'menor risco de dar certo'

 **Casagrande**

Bom ver mídia denunciando crimes no futebol

 **Sakamoto**

Censo mostra que esgoto revela racismo

 **Milly Lacombe**

O que há de novo?

Lista de itens: para ajudar a organizar as etapas de um processo, ingredientes em uma receita ou destacar os pontos principais de uma mensagem. Para usar, digite - seguido de um espaço.

Lista numerada: para destacar uma ordem específica de itens como instruções ou um passo a passo. Para usar, digite o número (1 ou 2, por exemplo) seguido de um ponto final e um espaço.

Citação de bloco: para ajudar a destacar um texto-chave e torná-lo mais visível nas mensagens. Para usar, digite o símbolo > seguido de um espaço.

Código embutido: é frequentemente usado por desenvolvedores que precisam compartilhar trechos de códigos ou comandos. Para usar, adicione símbolo ` antes e depois do conteúdo.

Dessa vez, culpa
por aberração não
é de Neymar



Atalhos de formatação de texto

Novidade!

Lista de itens	- Mensagem
Lista numerada	1. Mensagem
Citação de bloco	> Mensagem
Código embutido	`Mensagem`
Negrito	*Mensagem*
Itálico	<i>Mensagem</i>
Tachado	~Mensagem~
Monoespaçado	``Mensagem``

Novas formatações do WhatsApp

Imagem: Divulgação

Comissão organizadora do IV Encontro Nacional de Memória do Poder Judiciário discute programação

16 de fevereiro de 2024 Notícias do Judiciário / Agência CNJ de Notícias



Foto: Ascom EPM

Compartilhe

A Escola Paulista da Magistratura (EPM) sediou a quinta reunião da comissão executiva organizadora do IV Encontro Nacional de Memória do Poder Judiciário (Enam), que será promovido de 7 a 10 de maio na cidade de São Paulo e terá como tema “Memória: preservação, gestão e inovação”. A comissão executiva é composta por representantes dos cinco tribunais sediados na capital, que serão responsáveis pelo encontro: Tribunal de Justiça, Tribunal Regional Federal (3ª Região), Tribunal Regional do Trabalho (2ª Região), Tribunal Regional Eleitoral e Tribunal de Justiça Militar.

Na oportunidade foi apresentada a proposta do hotsite do encontro e discutidas questões relacionadas à programação, divulgação, segurança, planejamento e custeio do evento. Pela primeira vez, a reunião foi realizada de maneira híbrida, com participação presencial e virtual.

Antes do início dos trabalhos, o diretor da EPM, desembargador Gilson Delgado Miranda, reuniu-se com o presidente da Comissão de Gestão da Memória e coordenador do Museu do TJSP, desembargador Octavio Augusto Machado de Barros Filho; e com os coordenadores da área de Estudos em História e Memória da EPM, desembargadora Luciana Almeida Prado Bresciani e juiz Carlos Alexandre Böttcher, integrante do Comitê do Programa Nacional de Gestão Documental e Memória do Poder Judiciário do Conselho Nacional de Justiça (Proname) e responsável pela condução dos trabalhos da comissão executiva organizadora do IV Enam.

A reunião da comissão executiva também teve a presença da desembargadora federal Giselle França, presidente da Comissão de Gestão da Memória do TRF da 3ª Região; da juíza assessora da Presidência do TRT da 2ª Região Sandra Miguel Abou Assali e de servidores das áreas de gestão de memória, administração, comunicação e cerimonial dos cinco tribunais. Participaram por videoconferência a juíza auxiliar da Presidência do CNJ e coordenadora do Comitê do Proname, Ana Lúcia Andrade de Aguiar; a juíza do trabalho do TRT da 4ª Região Anita Job Lübbe, a juíza federal do Rio Grande do Sul Ingrid Schroder Sliwka, ambas integrantes do Comitê do Proname, e os servidores do CNJ Jônathas Seixas de Oliveira e Luciana Rodrigues da Silva Castro.

O Enam foi instituído pela [Resolução nº 316/20](#) do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) e é realizado anualmente, preferencialmente na semana em que é celebrado o Dia da Memória do Poder Judiciário (10 de maio), criado pela mesma resolução. O objetivo do encontro é discutir a preservação da história do Judiciário nacional e compartilhar experiências para o aperfeiçoamento da gestão documental e de memória nos tribunais do país.

A próxima reunião da comissão executiva está prevista para o dia 29 de fevereiro.

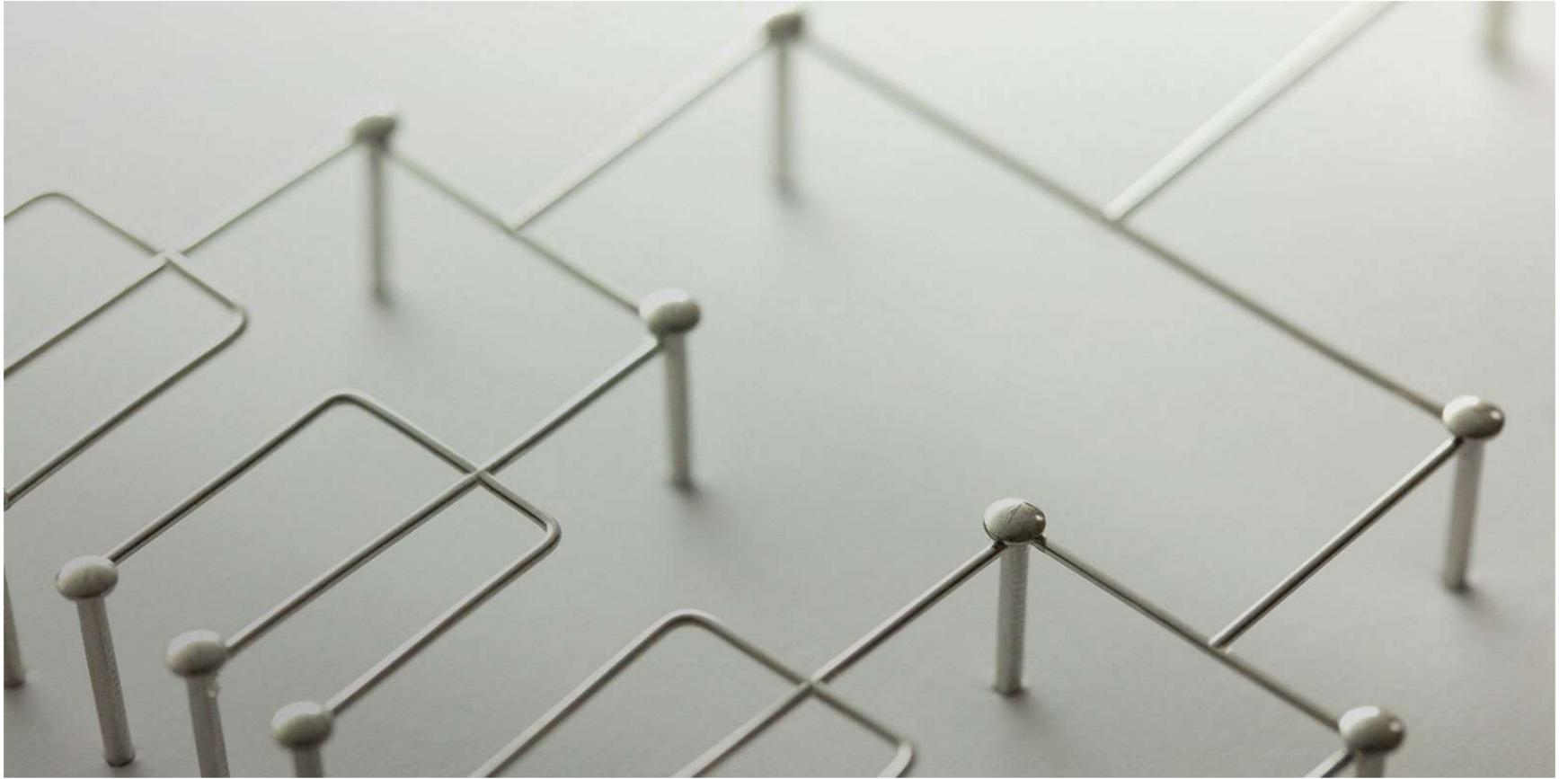
Fonte: [TJSP](#)

MACRODESAFIO

**FORTALECIMENTO DA RELAÇÃO
INSTITUCIONAL DO JUDICIÁRIO
COM A SOCIEDADE**

TAGS: [TJSP](#), [COMITÊ DO PROGRAMA NACIONAL DE GESTÃO DOCUMENTAL E MEMÓRIA DO PODER JUDICIÁRIO \(PRONAME\)](#), [MEMÓRIA DO PODER JUDICIÁRIO](#)

Cultura organizacional: fator crítico para o sucesso da transformação digital



Empresas enfrentam obstáculos na adaptação à Transformação Digital devido à resistência cultural. Estratégias de liderança e inclusão se destacam como chaves para o sucesso.



Por observação da realidade e mais um conjunto de estudos sobre o tema, sabe-se que a Transformação Digital não se baseia apenas em investimento em tecnologia, mas fundamentalmente em mudanças na cultura organizacional. Exatamente esse aspecto que torna este processo tão complexo e desafiante, pois diz respeito a **padrões de comportamento das pessoas nas organizações**.

É sabido que mudanças de comportamento não ocorrem sem mudança de percepção e de mentalidade. Entender e atuar nesse aspecto definirá o **sucesso ou fracasso da Transformação Digital** ou, pelo menos, a **velocidade em que isso acontecerá**. Mas não basta atingi-la, é preciso que ela se torne perene e isso não acontece sem uma cultura consistente.

“Organizações que veem a cultura como um fator de diferenciação e fonte de vantagem competitiva mantêm um senso de comunidade melhor, respondem mais adequadamente às necessidades dos clientes, inovam com maior grau de sucesso e entregam resultados de negócios mais consistentes.” — [Bhushan Sethi](#) Líder Global Adjunto de Pessoas e Organização na PwC.

Pilares da transformação organizacional

[Transformações digitais podem ser caracterizadas por acionar ao menos uma das quatro alavancas-chave de valor a seguir:](#)

- modelos de negócio (novas formas de operar e novos modelos econômicos);
- conectividade (engajamento em tempo real);
- processos (foco na experiência do cliente, automação e agilidade) e
- analytics* (tomada de decisão e cultura de dados).

No entanto, para capturar o valor criado por essas alavancas, é necessário associá-las a um conjunto de melhores práticas de gestão que abrangem quatro dimensões fundamentais: **Estratégia, Capacidades, Organização e Cultura**.

Com o objetivo de entender o efeito do processo de digitalização no Brasil, [a McKinsey realizou um estudo com 124 empresas de grande e médio portes em diversos setores para mensurar a maturidade digital delas](#).

Para tanto, utilizou-se a ferramenta Analytics & Digital Quotient (A&DQ), que avalia 22 práticas de gestão críticas para o sucesso da transformação digital e captura de resultado financeiro, distribuídas entre as quatro dimensões acima mencionadas. A ferramenta atribui uma pontuação que permite conduzir um *benchmarking* entre empresas pares e líderes em âmbito global.

Segundo **resultados do estudo, grande parte das empresas tem consciência das mudanças que acarretam uma cultura digital**. No entanto, a agenda de transformação digital muitas vezes se depara com hábitos antigos e iniciativas que visam buscar resultado financeiro imediato, causando conflitos e eventuais faltas de alinhamento entre as áreas funcionais, o que desestimula investimentos na mudança de mentalidades e comportamentos, porque demandam maior tempo para apresentar retornos financeiros.

As empresas entrevistadas reconhecem a importância de ter uma cultura voltada à inovação e à tomada de riscos. Entretanto, na maioria das vezes, os riscos tolerados são somente aqueles de baixo investimento. A maior parte das empresas ainda não compreende a importância da cultura de teste e aprendizado, prática que viabiliza a implementação de ajustes de maneira rápida para a captura de valor e, a relação disso com a aversão a riscos. Como resultado, **as empresas líderes no Brasil tiveram sua menor pontuação na prática de teste e aprendizado da dimensão de Cultura**.

Obstáculos culturais para a inovação no Brasil

Essa mudança de mentalidade necessária às empresas brasileiras é um grande desafio por estar inserida na cultura brasileira na qual, segundo estudos realizados por Geert Hofstede — que define a cultura como “a programação coletiva da mente que distingue um grupo de outro” —, a hierarquia deve ser respeitada, a desigualdade entre as pessoas é aceitável e quem detém o poder pode ter mais benefícios do que os outros.

Para o quesito individualismo, as pessoas dão um forte valor aos grupos e às relações pessoais, o que às vezes gera uma tendência ao nepotismo. A sociedade brasileira é, ao mesmo tempo, competitiva, mas também dá valor ao bem-estar. Assim como na maioria dos países latino-americanos, o Brasil tem uma grande aversão à incerteza e, por conta disso, as pessoas tendem a criar muitas regras e sistemas jurídicos com a finalidade de obter mais estrutura.

A literatura sobre cultura é muito vasta e requer boa capacidade de abstração dada a complexidade do tema. Uma definição reconhecida pelos estudiosos é a de Edgar Schein, renomado professor do MIT, que define cultura como “o jeito que a organização faz as coisas acontecerem”, e que é composta por três níveis: artefatos (todos os elementos que representam a cultura da empresa); normas e valores (regras escritas ou não que definem o que é esperado das pessoas); e crenças e pressupostos básicos (regras veladas que existem sem o conhecimento consciente de seus membros).

No contexto de uma Transformação Digital, a mudança cultural envolve alguns elementos críticos, tais como: agilidade, teste e aprendizado, experimentação, colaboração interna (equipes multifuncionais altamente comprometidas que colaboram com eficácia no desenho e na implementação de soluções de digital e analytics), tomada de decisão baseada em dados, orientação externa — isto é, entendimento aprofundado do mercado competitivo e flexibilidade na busca por soluções e parcerias externas quando se trata de promover a capacitação em digital e analytics na empresa e/ou para atividades não essenciais. É nesse ambiente que o cliente está na alma e na ação, que “customer centricity” deixa de ser apenas discurso e passa a ser o cerne de todo o processo de transformação.

Sandro Magaldi e José Salibi Neto afirmam que “a principal função da cultura é garantir a coesão necessária perante todos os agentes organizacionais, assegurando seu alinhamento com um conjunto de crenças e normas definido por aquele sistema (...). Ela contribui decisivamente para a estabilidade da organização ao definir os parâmetros e os modelos requeridos naquele ambiente, permitindo que as pessoas se comuniquem, coordenem seus esforços e definam os membros que se adaptem a esse sistema ou não”.

Se a empresa deseja usar a cultura como vantagem competitiva, precisa avaliar como ela ajuda ou prejudica sua capacidade de gerar resultados de negócio. Depois, identificar quais características e comportamentos precisam evoluir para melhor apoiar seus objetivos estratégicos.

Em seguida, gerenciar a cultura de forma proativa, o que, provavelmente, envolverá a criação de novos recursos para garantir a utilização de todos os facilitadores de cultura relevantes — formais e informais — para a sua organização, tais como: -O exemplo vem de cima; - tecnologias e ferramentas; - incentivo, remuneração e benefícios; - desenvolvimento e treinamento; - comunicações formais; - redes profissionais; redes de engajamento; - feedback coletado e aplicado; - sinais visíveis vindos das lideranças.

Alguns destes facilitadores são citados em outros estudos, tais como, os quatro elementos do chamado “Modelo de influência”, citados a seguir, como essenciais para consolidar as mudanças que precisam ser efetivadas: 1) role modeling (refere-se à forma como a liderança serve de exemplo a ser seguido); 2) criação uma história da transformação e comunicando-a com frequência; 3) desenvolvimento de talentos e habilidades; e 4) mecanismos de reforço (estruturas, sistemas, processos e incentivos à estratégia).

Lacunas entre liderança e percepções organizacionais

Para a Pesquisa Global de Cultura Organizacional 2021 foram entrevistados 3.200 profissionais e lideranças em todo o mundo. A maioria (67%) diz que a cultura é mais importante do que a estratégia ou as operações. Mas nem todos estão de acordo com a cultura vigente.

Os dados mostram uma lacuna cada vez maior entre o que as lideranças dizem sobre cultura (especialmente diversidade, equidade e inclusão — DEI) e o que as pessoas da organização vivenciam. Conhecendo a importância da diversidade para o processo de inovação e mudanças culturais, a menos que se aborde a questão e que os valores DEI sejam genuinamente incorporados à cultura, uma organização terá que se esforçar para atrair e reter o talento de que precisa.

Muitos profissionais sentem que seus locais de trabalho não são tão inclusivos quanto as lideranças pensam. No cerne dessa incompatibilidade, está a questão da autenticidade, de poder ser quem verdadeiramente é, o que exige alto grau de segurança psicológica.

Isso se constrói com relações de confiança. Num ambiente cada vez mais digital como atualmente, é mais difícil construir confiança: falta o “olho no olho”, a leitura da linguagem do corpo (parcial nas telas), de viver o subjetivo e profundo das relações, de encarar os conflitos, dentre outros aspectos que impactam negativamente a construção de relações mais autênticas e consistentes.

Além do mais, para se construir confiança, é preciso ser transparente e estimular a participação efetiva dos indivíduos, praticar uma abordagem que ajude a desenvolver habilidades e aplicá-las imediatamente.

A primeira edição do Índice Transformação Digital Brasil (ITDBr), levantamento que apresenta uma metodologia exclusiva para consolidar os diversos aspectos da Transformação Digital em um indicador inédito e mensurável, ficou em 3,3 — pouco acima da metade da escala, que vai de 1 a 6. O resultado indica uma maturidade ainda baixa para a Transformação Digital. As indústrias mais avançadas são as de Serviços Financeiros (4,1). A dimensão pessoas e cultura com índice de 3,4, representa o principal obstáculo para o progresso na agenda de transformação digital.

Entre os CEOs cujas empresas adotaram amplamente a IA generativa, por exemplo, 84% acreditam que a tecnologia aumentará a eficiência do tempo de trabalho dos seus funcionários em 2024. Os funcionários parecem menos convencidos — 43% dos trabalhadores no Brasil e 31% no mundo que responderam à Pesquisa Hopes and Fears 2023 da PwC esperam que a IA generativa aumente sua produtividade e eficiência no trabalho nos próximos cinco anos.

Essas revelações reforçam a necessidade de os CEOs envolverem seus funcionários no processo de implementação da IA generativa. Transparência, senso de propósito e planos e decisões confiáveis relacionados à IA são fatores que podem ajudar os funcionários que desconfiam da tecnologia a se sentirem mais confortáveis em experimentá-la — e em inovar.

Em última análise, os CEOs devem aceitar um novo desafio de sua função: compreender, explicar e gerenciar as tensões inevitáveis entre os cortes de empregos de curto prazo e o potencial de criação de empregos no longo prazo que a IA proporciona. CEOs e outros executivos podem fazer muito mais para enfrentar ineficiências e superar barreiras, mas eles não podem fazer tudo. É crucial alinhar as prioridades de mudança entre líderes e funcionários, além de fomentar uma cultura de confiança para que os funcionários se sintam seguros em propor maneiras mais eficientes de trabalho.

A ferramenta de IA que é tendência em 2024 já pode estar em seu computador

A integração com o Microsoft 365 permite que o Copilot seja uma ferramenta poderosa, capaz de auxiliar em diversas atividades corporativas

A previsão de que a Inteligência Artificial é uma tendência para 2024 já não é novidade. No entanto, é crucial destacar o Microsoft 365 Copilot, uma ferramenta que está se destacando não apenas por usar o melhor e mais motor de inteligência (GPT-4) mas principalmente por potencializar inúmeras tarefas operacionais e de análise de uma maneira pessoal e segura. Esta ferramenta e todo seu potencial já está em disponível para uso e tem passado por incrementos contínuos de funcionalidade.

A evolução tecnológica é constante no mundo corporativo, e inovações como a inteligência artificial (IA) têm revolucionado a forma como as empresas e pessoas operam. Uma das últimas novidades é a liberação de uma versão PRO do Copilot, que permite por meio de uma assinatura individual, qualquer pessoa da empresa a desfrutar da melhor e mais rápida inteligência hoje disponível (GPT-4 turbo) profundamente integrada a toda suite de produtos do Microsoft 365.

“As tecnologias de Inteligência Artificial Generativa têm ganhado espaço significativo nas empresas, desempenhando um papel importante na otimização das tarefas humanas, permitindo que estas se concentrem mais na parte estratégica dos negócios. É exatamente isso que o Copilot proporciona. Como o próprio nome sugere, ele não substitui o ‘piloto’, mas ajuda a traçar os melhores caminhos”, explica Carolina Lagoa, co-CEO da Witec IT.

O Microsoft 365 Copilot é uma poderosa Inteligência Artificial Generativa integrada aos aplicativos Microsoft 365, como Word, Excel, PowerPoint, Outlook, Teams, entre outros. Ela tem como grande foco mudar a forma de trabalho de todas pessoas e empresas, capacitando-as a entregarem mais valor por meio de uma cultura orientada à Inteligência e que faça proveito das melhores capacidades humanas.

O sistema combina a capacidade de geração de conteúdo, análise de dados e sugestões com a linguagem natural para facilitar e acelerar o trabalho de forma significativa. Através de prompts simples, os usuários podem criar documentos, apresentações e planilhas, fazer resumos de e-mails e conversas, automatizar tarefas repetitivas e muito mais, tudo com a ajuda da IA do Copilot.

A ferramenta torna as tarefas mais acessíveis e naturais para os usuários. Através da linguagem natural, os usuários podem interagir com o Copilot de maneira intuitiva e obter resultados mais rápidos e precisos.

Carol Lagoa destaca que a solução oferece diversas vantagens, como a percepção da pauta de reunião no próprio Outlook e a criação ágil de documentos e planilhas. A integração com o Microsoft 365 permite que o Copilot seja uma ferramenta poderosa, capaz de auxiliar em diversas atividades do dia a dia corporativo.

Imagine um cenário em que um gerente de projetos precisa criar uma apresentação impactante para uma reunião importante. Antes, isso envolveria horas de formatação, busca por imagens e elaboração de conteúdo. Com essa nova tecnologia, o gerente pode simplesmente criar um prompt no PowerPoint, como “Crie uma apresentação sobre o novo projeto de lançamento”, e a IA do Copilot entra em ação.

Ela gera automaticamente slides com informações relevantes, equilibrando texto e imagens, aplicando animações apropriadas e até mesmo sugerindo um roteiro para a apresentação. O processo, que costumava levar horas, agora é concluído de forma eficiente, permitindo que o gerente se concentre na narrativa e no impacto da apresentação.

Essa evolução tem o potencial de impactar positivamente a produtividade nas empresas, reduzindo o tempo gasto em tarefas manuais e repetitivas. Com a ajuda da IA, os profissionais podem se concentrar em atividades que realmente geram impacto no negócio, aproveitando o conhecimento e a expertise do Copilot para tarefas mais rotineiras.

Além disso, o Copilot também contribui para o desenvolvimento das competências dos colaboradores. Ele permite que os usuários dominem rapidamente diversas funcionalidades dos aplicativos Microsoft 365 através de comandos em linguagem natural, facilitando o acesso a recursos avançados.

O sistema é uma IA pronta para as empresas, desenvolvida pela Microsoft com base nos dados das organizações e integrada com os aplicativos do Microsoft 365. Essa integração com os dados permite que o Copilot ofereça respostas precisas, relevantes e contextualizadas, otimizando o fluxo de trabalho e tornando-o mais eficiente.

A segurança e a privacidade dos dados também são prioridades. A IA herda automaticamente as políticas e processos de segurança, conformidade e privacidade da empresa, garantindo que os dados sejam protegidos. Além disso, todo o aprendizado gerado pela inteligência é de propriedade da organização, e não da Microsoft ou outro parceiro, evitando vazamentos de informações.

A Microsoft assume o compromisso de construir e desenvolver essa ferramenta de forma responsável, seguindo princípios e padrões de *Responsible AI*. A empresa possui uma equipe multidisciplinar de especialistas que analisam seus sistemas em busca de falhas e aplicam tecnologias para detectar e corrigir vieses na informação.

O assistente já está disponível em inúmeros aplicativos da empresa e em cada um deles, diferentes ações podem ser executadas, proporcionando uma integração poderosa e versátil. Veja exemplos:

– Word: Além da simples criação de textos é possível criar documentos com base nas informações e formatação de arquivos antigos, mantendo um padrão. Além disso, permite importar dados de planilhas do Excel, apresentações do PowerPoint e notas do OneNote, proporcionando uma colaboração eficiente entre os aplicativos.

– PowerPoint: Pode gerenciar toda a apresentação de slides, criar novos arquivos a partir de informações do Word, adaptar proporções entre texto e imagem, aplicar efeitos de animação e até mesmo sugerir um roteiro para a apresentação.

– Excel: Simplifica processos complexos, analisando dados em larga escala, criando resumos com informações principais e gerando novas planilhas com base em situações hipotéticas, agilizando o trabalho e permitindo uma análise estratégica mais eficiente.

– Teams: É capaz de recapitular discussões de reuniões anteriores, gerar ata de reuniões, resumir pontos importantes, criar e lembrar de tarefas pendentes, tornando a colaboração em equipe mais eficaz.

– Outlook: Auxilia na escrita de e-mails, na organização da caixa de entrada, na filtragem de mensagens importantes e no resumo de conversas longas.

Além disso, a integração com o Windows permite a execução de comandos no sistema e melhorias gerais, proporcionando uma experiência mais fluida e eficiente para os usuários do sistema operacional

A diferença entre o Copilot e o Bing com o ChatGPT reside em suas bases de dados e funcionalidades. Enquanto o Bing usa dados públicos para desenvolver respostas, o Copilot interage com os dados internos da empresa, integrando-se aos aplicativos do Microsoft 365 e oferecendo respostas contextualizadas e relevantes.

A Microsoft tem trabalhado para trazer esse poder de forma acessível para todos os usuários e todas as empresas, não somente a multinacionais e grandes empresas, por isso é constante a criação de novas camadas de produtos e preços, que buscam ser os mais competitivos com o mercado, a busca pelo do licenciamento pode ser feita diretamente no site da Microsoft ou mesmo no próprio Copilot.

Em resumo, o Microsoft 365 Copilot é muito mais do que uma ferramenta de assistência; é uma revolução na forma como as empresas utilizam a inteligência artificial para potencializar a produtividade, a colaboração e a eficiência, promovendo um ambiente de trabalho mais inovador e eficaz e tornando seus funcionários e clientes em *AI-powered*.

[Open Insurance deve aquecer mercado de seguros, mas cibersegurança precisa ser observada, alerta especialista](#)

[Relatório 2024 SonicWall expõe a profundidade dos ataques cibernéticos e enfatiza a importância estratégica dos Managed Service Providers \(MSPs\)](#)

[Desvendando o Ciberespaço: Um Guia do CISO para Navegar nas Águas Turbulentas da Segurança Cibernética](#)



O que considerar em uma estratégia para o edge

Grande parte dos aplicativos avançados que oferecem inovações atraentes depende de uma infraestrutura de edge certa nos locais certos



A transformação digital está acontecendo no edge. Grande parte dos aplicativos avançados que oferecem inovações atraentes – incluindo inteligência artificial (IA), aprendizagem de máquina e Internet das Coisas (IoT) – depende de uma infraestrutura de edge certa nos locais certos. Quando as empresas não têm uma estratégia de edge, elas acabam gerenciando-o de forma improvisada.

Em vez de projetar seu edge para gerar maior valor comercial, essas empresas ficarão estagnadas no modo reativo. À medida que novos casos de uso surgem, elas terão que criar soluções personalizadas rapidamente para oferecer suporte para esses casos. Isso limitará a agilidade de seus negócios e dificultará a preparação de suas operações para o futuro.

Leia mais: [Maioria dos líderes globais vê edge computing como diferencial competitivo](#)

Os líderes de TI das empresas reconhecem cada vez mais a necessidade de uma estratégia de computação de edge. Se a sua empresa estiver entre elas, aqui estão algumas coisas que você deve considerar: definição de edges digitais, identificação dos locais ideais, conectividade adequada e revisão dos requisitos de segurança do edge.

Definição de edges digitais e identificação de locais ideais

Há muitos fatores que levam a infraestrutura digital à edge. Entre eles estão a necessidade de garantir a proximidade de aplicativos de baixa latência, manter o custo da largura de banda de dados baixo e atender aos requisitos de residência de dados. Todos esses fatores se enquadram no conceito de *gravidade de dados*. Esse termo refere-se à tendência de grandes conjuntos de dados atraírem cargas de trabalho e infraestrutura. Isso acontece porque os dados têm um valor comercial inerente; portanto, quanto mais dados você tiver em um local, mais provável será que você queira ter uma infraestrutura próxima.

Um motivo pelo qual as empresas estão tendo dificuldades com suas estratégias de edge é que ele não é um local específico, nem mesmo um ambiente arquitetônico particular. Edge é simplesmente o local onde termina sua infraestrutura digital privada e começa a infraestrutura digital pública. A maioria das empresas terá muitos edges diferentes e precisará otimizar cada um deles em termos de performance, eficiência de custo e segurança.

A maioria das empresas deseja incorporar serviços de cloud pública em sua estratégia de edge. Elas naturalmente presumem que isso significa que terão um edge na cloud pública, além de diversos edges no local. No entanto, isso é um equívoco; há vários motivos para *se evitar* edge de cloud pública. Por exemplo, isso significaria armazenar cargas de trabalho e dados diretamente na cloud pública com possibilidade de custos mais altos, baixa performance e perda de controle sobre seus dados. Isso é particularmente verdadeiro se você usar a Internet pública para mover seus dados de e para a cloud.

Uma opção melhor pode ser hospedar o edge em um provedor de infraestrutura digital que também hospede rampas de acesso de baixa latência para a cloud, e assim estabelecer uma arquitetura de dados adjacente à cloud, que reúne um ambiente de armazenamento de dados central com acesso multicloud sob demanda. Com esta arquitetura, você coloca efetivamente seus serviços de cloud pública no lado correto do edge, proporcionando maior controle sobre custos e performance.

Garantindo a conectividade adequada

Se uma estratégia de edge tem tudo a ver com o gerenciamento eficaz de conexões entre infraestruturas públicas e privadas, isso logicamente significa que você precisará incorporar redes públicas e privadas. Conforme mencionado anteriormente, há desvantagens em depender da Internet pública em determinadas situações. Por exemplo, sabe-se que o uso da Internet para acesso à cloud pública é o método mais caro. Além disso, como as conexões públicas de Internet são compartilhadas, seu tráfego não é priorizado em relação ao de outras pessoas. Isso significa que o uso da Internet pode agravar os problemas causados pela latência. Por fim, há preocupações de segurança e conformidade que acompanham o uso da Internet para determinadas cargas de trabalho.

Por outro lado, o uso de conexões diretas e privadas ajuda a garantir que seus dados cheguem rapidamente do Ponto A ao Ponto B, tudo isso sob seu controle. Usando uma solução de rede virtual, você pode criar conexões privadas entre diferentes ambientes de edge sob demanda. Ao criar sua arquitetura de dados adjacentes na cloud, você pode conectar seu ambiente de armazenamento de dados principal a várias clouds públicas e a seus vários locais de edge. Os dados podem fluir facilmente por todos eles, do edge ao core e à cloud.

No entanto, há outros casos de uso de edge para os quais a conectividade pública com a Internet será essencial. É necessário obter a melhor combinação de disponibilidade e eficiência de custo em todos os seus locais de edge, e isso não é possível com um único provedor de serviços de Internet (ISP). Você deve diversificar suas conexões, e pode fazer isso por meio do acesso combinado à Internet. Com a Internet combinada, você obtém conectividade de vários ISPs por meio de um único contrato. Isso significa que você poderá trabalhar com os ISPs que oferecem o melhor serviço e a melhor confiabilidade em cada um dos locais de edge onde você opera.

Revisão dos requisitos de segurança do edge

O crescimento da infraestrutura de edge cria novos desafios em relação à segurança cibernética. As organizações de hoje não têm mais data centers centralizados para criar perímetros de segurança. Em vez disso, elas precisam estabelecer e manter um edge seguro, ou seja, incorporar a infraestrutura de segurança em um perímetro crescente e dinâmico.

Além de proporcionar benefícios de desempenho e custo, a implementação da segurança de edge com um provedor de infraestrutura digital pode ser significativamente mais fácil do que proteger e gerenciar um edge de cloud pública. Imagine que você precise implementar um dispositivo de firewall virtual para proteger seu ambiente de edge.

Se você tratar a cloud pública como seu edge, isso significa que você está implantando o dispositivo diretamente com o provedor de cloud. Você acabará implantando instâncias diferentes para cada região de cloud e para cada processo ao qual precisa dar suporte (desenvolvimento, teste, controle de qualidade e assim por diante), criando um conjunto complexo e sempre crescente de conexões de cloud. Além do grande número de dispositivos de segurança, você provavelmente precisará de balanceadores de carga para obter alta disponibilidade.

Por outro lado, você pode implantar um par de dispositivos altamente disponíveis em um ambiente de infraestrutura digital e deixar o acesso à cloud atrás dos dispositivos. A partir desse único par de dispositivos, você pode criar milhares de conexões de cloud, sem precisar gerenciar cada uma.

A força de seu ecossistema digital é essencial para a implementação de uma estratégia de secure edge. Trabalhar com os principais provedores de serviços de segurança pode ajudá-lo a obter os recursos sob demanda necessários para implementar um Secure Access Service Edge (SASE). Uma arquitetura SASE incorpora a tecnologia SD-WAN, que oferece a velocidade e a flexibilidade de que você precisa em uma solução de rede de edge, juntamente com recursos de Security as a Service que podem ser implementados rapidamente em qualquer lugar que você precisar.

Uma estratégia de edge eficaz exige que você identifique os casos de uso que podem surgir no futuro e crie um plano para implantar a infraestrutura de forma rápida e flexível para suportá-los. Seja qual for a aparência dessa infraestrutura, ela deve oferecer alto desempenho, eficiência de custo, segurança integrada e acesso fácil aos parceiros do ecossistema.

Siga o [IT Forum no LinkedIn](#) e fique por dentro de todas as notícias!

Governo quer medir velocidade da internet em todo o Brasil até o fim de 2024

Ministério das Comunicações quer verificar se velocidade da internet está dentro do padrão estabelecido pelo governo.



O [Ministério das Comunicações](#) divulgou nesta semana que possui um plano para fiscalizar a velocidade da internet em todas as capitais brasileiras até o fim do ano de 2024. A iniciativa é uma ação do programa ConectaBR. A [recomendação mínima de velocidade foi estabelecida pelo governo em outubro de 2023](#) e é de 10Mbps por segundo para o 4G e 100Mbps por segundo para a rede 5G.

O governo informou que a [Anatel](#) ainda irá estabelecer um plano de ação de fiscalização para realizar o monitoramento em todas as capitais até o fim do ano, além de analisar quais são as “regiões de sombra”, ou seja, as que mais têm dificuldade em promover o acesso à internet.

O comunicado inicial, feito em outubro, ainda prometia sanções aos estados e municípios que não cumprirem com a regra, que já está em vigência há 4 meses. A Anatel também deve entregar um relatório com as ações feitas de 30 em 30 dias para o Ministério das Comunicações.

O governo também promete investir R\$ 27 bilhões no Novo Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), que busca uma inclusão digital para todos os brasileiros. Esse plano visa conectar 138 mil escolas públicas do ensino básico a internet de alta velocidade e sinal Wi-Fi até 2026.

Mais detalhes:

- O governo federal anunciou que pretende fiscalizar a velocidade da internet em todas as capitais brasileiras até o fim de 2024.
- A ação faz parte do programa ConectaBR, lançado em outubro de 2023, que tem como objetivo melhorar a cobertura e a qualidade da banda larga móvel (4G e 5G) no país;
- O programa visa ampliar a área de acesso à internet, reduzir desigualdades regionais e impulsionar o desenvolvimento social e econômico;
- O ConectaBR exige soluções para falhas de conexão e baixo desempenho, além de prever sanções pela Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel);
- As operadoras devem garantir uma velocidade mínima de 10 MB por segundo para a tecnologia 4G e 100 MB por segundo para o 5G;
- A implementação e supervisão do programa serão realizadas pela Anatel, que também vai monitorar e avaliar a prestação de serviço.

FONTE: <https://olhardigital.com.br/2024/02/21/internet-e-redes-sociais/governo-quer-medir-velocidade-da-internet-em-todas-capitais-ate-fim-de-2024/>

Projeto de inclusão digital do TRT-4 é selecionado em festival internacional de inovação



Ponto de Inclusão Digital na região das ilhas

O projeto “Arquipélago Digital: Conectando Comunidades”, do Tribunal Regional do Trabalho da 4ª Região (RS), foi selecionado pelo Creative Bureaucracy Festival (na tradução literal, Festival da Burocracia Criativa). Trata-se de um evento de inovação internacional envolvendo o setor público. O projeto, desenvolvido pelo Laboratório de Inovação (Linova) e pela Assessoria de Otimização de Projetos da Diretoria-Geral do TRT-4, instalou Pontos de Inclusão Digital (PIDs) na região das ilhas de Porto Alegre, local com dificuldade de acesso para as unidades físicas da Justiça do Trabalho.

A participação do TRT-4 ocorrerá no Digital Kick-off Day, em 21 março. O evento, que será on-line, antecede o Festival, marcado para ocorrer entre os dias 13 e 15 de junho, em Berlim, na Alemanha. Caso o projeto passe para a próxima fase, será apresentado presencialmente na capital alemã.

Arquipélago Digital: Conectando Comunidades

O projeto foi desenvolvido para que pessoas de comunidades distantes de centros urbanos e vulneráveis tenham acesso facilitado aos serviços da Justiça do Trabalho. A proposta consiste na instalação de pontos de inclusão digital em que foram disponibilizados equipamentos e conexão com a internet para o acesso aos serviços. Trata-se de uma inovação para o poder público, pois supera barreiras geográficas e sociais ao levar serviços judiciais a comunidades distantes e vulneráveis.

O Festival

Todos os anos, mais de mil participantes se unem para compartilhar exemplos de inovação do setor público e da sociedade civil. Em 2023, foram 1,3 mil participantes em Berlim, além de 1,5 mil espectadores que acompanharam o evento pela transmissão on-line. Em 73 sessões transmitidas em inglês e alemão, 182 palestrantes e participantes de projetos de 34 países compartilharam seus conhecimentos sobre inovações na administração pública.

Regulação da inteligência artificial está sob pressão do calendário eleitoral

Um dos grandes temas da agenda legislativa em 2024 será a regulamentação da inteligência artificial.

Um primeiro esforço de racionalização do debate veio do presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, [que instituiu uma comissão de juristas](#) para subsidiar a elaboração de minuta de substitutivo aos projetos de lei sobre a matéria em tramitação na Casa com o objetivo estabelecer princípios, regras, diretrizes e fundamentos para regular o desenvolvimento e a aplicação da inteligência artificial no Brasil.

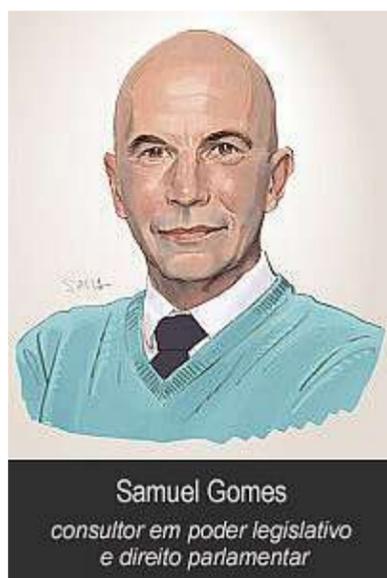
Criada em 17/2/2022 e presidida pelo ministro do STJ Ricardo Villas Bôas Cuevas, a comissão iniciou os seus trabalhos em 30/3/2022 e concluiu-os em 5/12/2022, [com a entrega de relatório](#), com 902 páginas, que ofereceu minuta de substitutivo aos PLs 5.051/2019 (senador Styvenson Valentim, Podemos-RN), 21/2020 (originário da Câmara dos Deputados) e 872/2021 (senador Veneziano Vital do Rêgo, MDB-PB).

Nos pouco mais de oito meses de funcionamento, a comissão promoveu um seminário internacional, quatro audiências públicas e 12 painéis para discutir os eixos temáticos do projeto: conceitos, compreensão e classificação de inteligência artificial; impactos da inteligência artificial; direitos e deveres; *accountability* (prestação de contas), governança e fiscalização.

O trabalho resultou no PL 2.338/2023, de autoria de Pacheco, composta por 45 artigos.

Para acelerar a tramitação do projeto, Pacheco apresentou requerimento para a criação da Comissão Temporária Interna sobre Inteligência Artificial no Brasil (CTIA), composta por 13 senadores titulares e 13 suplentes, para em 120 dias examinar os projetos concernentes [ao relatório final aprovado](#) pela comissão de juristas e eventuais novos projetos na matéria.

Spacca



Instalada em 16/8/2023, o seu prazo final, vencido em 14/12/2023, foi prorrogado para 23/5/2023.

Na abertura do ano legislativo, o presidente do Senado disse que o projeto será aprovado até abril para que a lei regule as eleições deste ano. Essa afirmação preocupou estudiosos.

Na Europa, o debate multissetorial estendeu-se por três anos. A justificativa do presidente do Senado para a pressa em legislar a matéria é compartilhada pelo presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira, para quem, sem a regulamentação, a IA poderá distorcer o processo eleitoral.

O presidente do Tribunal Superior Eleitoral, ministro Alexandre de Moraes, concorda. [Tratou do tema na abertura do ano judiciário](#) e ato contínuo publicou minuta de regulação já para as eleições municipais, com sanções duras para o uso indevido da IA, prevendo cassação do registro e, se eleito o candidato infrator, [cassação do mandato](#).

A busca da regulamentação integral da IA em tão curto espaço de tempo para atender uma demanda pontual, por importante que seja (regular as próximas eleições municipais) carrega o risco de produção legislativa defeituosa em matéria não apenas sensível, mas de difícil e complexa regulação.

A lei, todos sabemos, é marcada pela generalidade e abstração. A IA, todavia, é matéria a exigir regulação que considere as particularidades de cada setor da vida social e econômica.

Por zelosos que tenham sido os juristas da comissão especializada cujo trabalho deu à luz o texto apresentado pelo presidente do Senado no PL 2.338/2023, é difícil crer que hajam coberto por completo a miríade de situações da vida que se apresentam cotidianamente em tsunami no albor deste admirável e perigoso mundo novo de máquinas que aprendem conosco e com elas próprias.

Excesso

O projeto surgido da comissão por vezes peca pelo excesso.

Tão perigoso quanto lacunas regulatórias (subregulação) é a hiper-regulação, cujos efeitos nocivos resultam em inibição da inovação, maiores custos econômicos, altas barreiras de entrada e ineficiência. Ou seja, hiper-regulação pode acabar representando um obstáculo ao nosso desenvolvimento.

A hiper-regulação é consequência de uma perspectiva regulatória acentuadamente prescritiva. Lancemos mão de um exemplo, o da explicabilidade, que é o direito da sociedade e do titular de dados à explicação, a receber informações suficientes e inteligíveis para entender a lógica, a forma e os critérios dos processos automatizados.

Trata-se de princípio fundamental para incrementar a responsabilidade e prestação de contas, melhorar a confiança do usuário, permitir a revisão judicial assecuratória de direitos e garantias, facilitar o controle da conformidade regulatória dos sistemas.

Todavia, dizem os especialistas, se excessiva e desproporcionalmente prestigiada, a explicabilidade poderá induzir baixo desempenho das aplicações de IA generativa, como o ChatGPT, que faz uso de modelos de modelos de aprendizagem profunda (*deep learning*).

Projeto de lei

O PL 2338/2023 está em discussão na CTIA, presidida pelo senador Carlos Viana (Podemos-MG), tendo Eduardo Gomes (PL-TO) como relator e Marcos Pontes (PL-SP) como vice-presidente.

O debate exigirá grande esforço de criatividade legislativa. Aspectos críticos terão que ser objeto de arbitramento parlamentar, como, por exemplo, compatibilizar o arcabouço regulatório da IA com o estímulo à inovação e a proteção da propriedade industrial.

Para ficar apenas num exemplo, o substitutivo apresentado pelo senador Marcos Pontes estabelece a obrigação de que toda entidade, seja pública ou privada, que se lance a desenvolver sistemas de IA classificados como de alto risco, notifique a autoridade competente do governo federal no início do seu desenvolvimento, descrevendo detalhadamente o projeto, no mínimo, quanto ao objetivo e aplicação pretendida do sistema de IA, a arquitetura do sistema (incluindo algoritmos, modelos de aprendizado de máquina e abordagens de processamento de dados), fontes de dados e métodos de coleta de dados utilizados, como também revele as estratégias de teste, validação e implementação do sistema.

Especialistas apontam que tal nível de exigência — abstraiamos considerações a respeito de sua eventual inevitabilidade — conflita com a propriedade industrial, que desenvolvedores de tecnologias de alto impacto podem não se sentir dispostos a compartilhar com o governo brasileiro, se houver países que não imponham tal compartilhamento.

A novidade e complexidade da matéria exige amplitude e profundidade do debate legislativo. Ou seja, tempo.

Resta saber se haverá tempo, vale dizer, se as eleições municipais realmente precisam ser realizadas sob o ambiente jurídico da ampla e completa regulamentação da inteligência artificial (o que determinará a produção apressada da norma legal) ou se a legislação civil e penal, bem assim as resoluções do TSE, já seriam suficientes, permitindo que o debate legislativo siga o seu curso normal e possa acolher as contribuições dos diversos segmentos sociais e econômicos diretamente e indiretamente afetados em favor de uma lei com a qualidade técnica e a legitimidade social que a matéria reclama.

Amplitude do poder da Justiça Eleitoral

Claro que isso remete a outro tema espinhoso, o da amplitude do poder e regulamentar da Justiça Eleitoral, não previsto taxativamente na Constituição de 1988, mas por ela recepcionada, como defendem alguns autores.

O poder regulamentar eleitoral se expressa por meio de resoluções, cujo objetivo primordial é o de regulamentar, organizar e executar as eleições na forma, tempo e modo fixados em lei.

Embora inferiores hierarquicamente à lei, as resoluções eleitorais possuem eficácia geral e abstrata (“força de lei”), mas não podem desbordar da função regulamentar (*secundum legem*) ou de suprir lacunas (*praeter legem*), sob pena de inovar em matéria reservada à lei ou contrariá-la (*contra legem*), incorrendo em vícios corrigíveis pelo controle de legalidade ou de constitucionalidade, como já firmou entendimento o Supremo Tribunal Federal.

Alea jacta est.

Impacto das GovTechs no setor público: como mensurar resultados e ultrapassar desafios?

O ecossistema de GovTechs no Brasil movimentava a inovação, especialmente em nível municipal, oferecendo soluções para a modernização do governo



As **GovTechs** desempenham papel significativo na modernização da gestão pública e seguem em expansão no Brasil, onde encontram muitas oportunidades de negócio. Trata-se de organizações que desenvolvem soluções digitais visando melhorar a eficiência, transparência e interação entre governos e cidadãos, abrangendo diversas áreas.

Por essa razão, a avaliação de impacto é um pouco diferente e pode seguir diversas perspectivas. O mais importante é mensurar os resultados reais que estão beneficiando a população.

Leia mais: [Capacitação em tecnologia melhora vida de 8 em 10 pessoas, indica estudo](#)

Para isso, é preciso examinar de perto a qualidade dos serviços oferecidos. Um exemplo claro seria a matrícula on-line em redes educacionais, que elimina a necessidade da família se deslocar até a escola, resultando em benefícios diretos para o número de alunos atendidos.

Além disso, podemos medir a economicidade ao tornar os processos mais acessíveis e reduzir os custos globais. O aumento da eficiência também é um indicador crucial, evidenciando ganhos de produtividade.

Legislações do setor

No entanto, as GovTechs enfrentam desafios notáveis. A mudança cultural é uma barreira significativa, exigindo a transformação de práticas consolidadas ao longo de décadas. É importante que os gestores conheçam a legislação que diz respeito ao setor de startups, como é o caso da Lei 14.133, a **Nova Lei de Licitações**.

Entre as diversas inovações incorporadas, a norma aborda especificamente o **procedimento de manifestação de interesse (PMI)**. O artigo 81, § 4º, ressalta a possibilidade de restringir o PMI a “startups”, contanto que, durante a fase de seleção final, seja conduzida uma “validação prévia fundamentada em métricas objetivas, a fim de demonstrar a adequação às necessidades da Administração”.

Poder de inovação

O ecossistema de GovTechs no Brasil movimentava a inovação, especialmente em nível municipal, oferecendo soluções para a modernização do governo. O investimento em tecnologia é considerado essencial para impulsionar a eficiência e melhorar a prestação de serviços públicos. O Projeto de Marco Legal das Startups propõe medidas como o Sandbox Regulatório e o Inova Simples, para facilitar a criação e o crescimento das GovTechs.

Rumo ao futuro

Entretanto, superar as barreiras regulatórias e de participação no setor público é um desafio comum. Frequentemente, surgem divergências de opiniões entre profissionais jurídicos, isto é, onde um considera um obstáculo, outro pode não perceber da mesma forma. Diante desse

cenário, as startups tecnológicas voltadas para o setor governamental precisam não apenas compreender, mas também dominar a legislação vigente.

Essa *expertise* não se limita apenas ao cumprimento das normas, mas também envolve a habilidade de apresentar fundamentações sólidas que possam contribuir para a remoção ou flexibilização desses impedimentos.

Siga o [IT Forum no LinkedIn](#) e fique por dentro de todas as notícias!

Caixa de ferramentas para criação de jogos de tabuleiro

Download gratuito

Conectamos a inovação no setor público desde 2018

Caixa de Ferramentas para Criação de Jogos de Tabuleiro

Uma ação da rede Conexão Inovação Pública

Quero!

aperte **Enter** ↵

👤 preenchido por 136 pessoas



Canvas para Liderança Inovadora de Alto Desempenho

Uma ação da rede Conexão Inovação Pública

Quero!

carrega em **Enter** ↵

👤 preenchido por 271 pessoas

PF DESTAQUES 2024 - Ademir Piccoli Criado por Pablo Fedatto



1



2



3



4



5



6



7



8



9



10



11



12



13



14



15



16



17



18



19



20



21



22



23



24



25



26



27